

I Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XVI Jornadas de Investigación Quinto Encuentro de Investigadores en Psicología
del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2009.

Quando a violência ultrapassa gerações: um estudo sobre mães de meninas vítimas de abuso sexual.

Dell'aglio, Débora Dalbosco y Santos, Samara Silva.

Cita:

Dell'aglio, Débora Dalbosco y Santos, Samara Silva (2009). *Quando a violência ultrapassa gerações: um estudo sobre mães de meninas vítimas de abuso sexual. I Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVI Jornadas de Investigación Quinto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-020/266>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eYG7/Pcy>

QUANDO A VIOLENCIA ULTRAPASSA GERAÇÕES: UM ESTUDO SOBRE MÃES DE MENINAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL

Dell'aglio, Débora Dalbosco; Santos, Samara Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Brasil

RESUMEN

Estudos têm apontado que a violência pode ultrapassar gerações, havendo possibilidade de que o adulto reproduza com crianças de sua família as experiências de violência vividas em sua infância. Este estudo explorou a questão das reações maternas e da multigeracionalidade da violência em mães de meninas abusadas sexualmente. Foram entrevistadas dez participantes, de 24 a 40 anos, que estavam sendo acolhidas em serviços especializados, em um hospital público de Porto Alegre, RS, Brasil. Foram realizadas entrevistas enfocando características da família de origem, a história materna de violência familiar e a situação da revelação de abuso sexual de suas filhas. Foi observado que quatro das mães participantes também tinham sofrido abuso sexual em sua infância. A análise dos casos indicou que a infância destas mães foi marcada pela presença de alcoolismo na família, distanciamento emocional de suas mães e punição física por parte dos pais. Foi verificada a presença da multigeracionalidade da violência, trazendo dificuldades para estas participantes lidarem com a situação atual de suas filhas. Sugere-se a realização de pesquisas e projetos de intervenção junto a essa população, direcionados à prevenção ou rompimento do ciclo de violência.

Palabras clave

Abuso sexual infantil Multigeracionalidad

ABSTRACT

WHEN VIOLENCE OVERTAKES GENERATIONS: A STUDY ON MOTHERS OF GIRLS VICTIMS OF SEXUAL ABUSE

Studies have shown that violence can overcome generations, there is possibility of an adult to reproduce the experiences of violence he/she had gone through in their own infancy with the children of his/her family. This study explored the issue of multigenerationality from the perspective of mothers of children victims of sexual abuse. Ten participants were between 24 and 40 years old ($m=32.8$; $SD=5.59$), attending specialized services for situations of violence, in a public hospital of Porto Alegre, Brazil, were interviewed. The interviews focused on the characteristics of the original family, the mother's history of familial violence and the disclosure of sexual abuse of her children. It was observed that four of the participating mothers had also suffered sexual abuse in their childhood. The analysis of the cases indicated that the infancy of these mothers had been marked by the presence of alcoholism in the family, emotional distance from their mothers and physical punishment on the part of their parents. The presence of multigenerationality of violence was verified, making it difficult for these participants to deal with the current situation of their children. As a suggestion, research and intervention projects should be undertaken with this population, targeting prevention or disrupting the cycle of violence.

Key words

Child sexual abuse Multigenerationality

O abuso sexual infantil é considerado um problema de saúde pública e suas consequências têm sido foco de interesse de pesquisadores (Cohen, & Mannarino, 2000; Garbarino, Kostelny, & Dubrow, 1991; Furniss, 1993/2002). Entretanto, poucos estudos têm se

dedicado a explorar as características maternas envolvidas nesse complexo ciclo de violência. De modo geral, mães de crianças abusadas sexualmente não se configuram como as perpetradoras do abuso, mas de alguma forma encontram-se envolvidas, seja como vítimas ou testemunhas desta situação. Muitos fatores podem influenciar as reações maternas frente à revelação do abuso, tais como a percepção de apoio social e as características de personalidade da mãe, entre outros (Forward, & Buck, 1989). Pesquisas têm demonstrado a continuidade da violência entre as gerações, apontando a necessidade de estudos longitudinais sobre o abuso sexual infantil (Leifer, Kilbane, & Grossman, 2001). A possibilidade de o adulto reproduzir com crianças da família as experiências de violência vividas em sua própria infância tem sido identificada como multigeracionalidade (Caminha, 2000). Essas experiências de violência podem abranger, além do abuso sexual, o abuso físico, emocional, e também negligéncia e abandono. Pesquisas, ao investigarem a questão da multigeracionalidade em mães de crianças vítimas de abuso sexual, indicaram que freqüentemente as mães relatam histórias de abuso na própria infância, demonstrando que o abuso sexual infantil pode ser considerado um fator de risco para futuras experiências de violência ao longo do desenvolvimento (Hiebert-Murphy, 1998). A manutenção do ciclo de violência na família, segundo Narvaz e Koller (2006), é resultado de todo um processo de socialização e subjetivação, no qual a experiência de conviver com a violência é percebida como algo natural e esperado nas relações. Assim, de testemunha quando criança, a mulher passa a vítima, envolvendo-se em relacionamentos abusivos na vida adulta, denotando uma experiência continuada da violência.

Segundo Narvaz e Koller (2004), o segredo do abuso sexual sofrido na infância por uma mãe, por exemplo, pode tornar-se visível apenas após a revelação do abuso sofrido por sua filha. Nestes casos, observa-se a repetição de um padrão de relacionamento entre gerações. Estas mães não revelaram a violência sofrida e não conseguiram proteger suas filhas, pois de alguma forma tornaram-se vulneráveis para estabelecer relações conjugais abusivas. Contudo, é necessário destacar que não se trata de um padrão de relacionamento determinista. Ou seja, o fato de uma criança ser vítima de qualquer forma de maltrato infantil, não significa que quando adulta irá repetir tal comportamento com seus filhos. No entanto, há uma possibilidade desse comportamento aprendido na infância ser repetido com as próximas gerações. Dessa forma, este estudo teve como objetivo compreender o processo da multigeracionalidade da violência em mães de meninas vítimas de abuso sexual.

Objetivo: Este estudo teve como objetivo investigar como mães de meninas abusadas sexualmente reagiram quando tomaram conhecimento do abuso e a presença da multigeracionalidade da violência.

MÉTODO

Participantes: Participaram 10 mães, de 24 a 40 anos ($m=32,8$; $DP=5,59$), que estavam sendo acolhidas em serviços especializados em situações de violência, em hospital público de Porto Alegre, RS, Brasil.

Instrumentos e procedimentos: Foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas com o objetivo de investigar dados sociodemográficos, as reações maternas e questões sobre a história materna de violência familiar. As entrevistas foram realizadas na própria instituição de atendimento, em média um mês após a notificação. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do hospital e foi solicitada a cada participante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS

Em todos os casos investigados houve abuso sexual intrafamiliar, envolvendo pais, padrastos, avôs, tios e primos. Dentre as situações de abuso avaliadas, foi observada uma freqüência maior de múltiplos episódios, demonstrando que essa violência foi mantida em segredo durante algum tempo. A idade das filhas vítimas de abuso sexual variou entre cinco e onze anos de idade na época da realização da pesquisa, mas a idade de início do abuso variou entre dois e onze anos de idade. O período entre o início da situação abusiva, a revelação do abuso, a denúncia e procura por

algum serviço de proteção ou atendimento é bastante distinto em cada caso e denota a complexidade deste fenômeno. Na maioria dos casos, a revelação do abuso ocorreu para a mãe, o que reforça a idéia de que essa é uma figura importante, não apenas para prestar informações sobre o fato, mas também para oferecer apoio e poder auxiliar a vítima a lidar com as repercussões do abuso. As reações maternas foram classificadas em positivas e ambivalentes de acordo com as categorias descritas no estudo de Jonzon e Lindblad (2004). Foram observados dois casos de reação ambivalente, mas a maioria das mães reagiu de forma positiva (oito casos), indicando que a maioria acreditou no relato das filhas e denunciou o abuso, embora nem todas tenham sido protetivas no sentido de afastar suas filhas do abusador ou de imediatamente procurar ajuda e realizar denúncia. A iniciativa de realizar a denúncia reflete uma postura mais segura das mães diante de seu ideal de família e de sua própria vida. As mães que acreditaram em suas filhas demonstraram maior tendência a respostas de apoio do que as mães que reagiram de forma ambivalente. Esse apoio também pôde ser observado através do fato de que estas mães estão mantendo e acompanhando suas filhas no atendimento psicológico oferecido pelo hospital, mostrando-se disponíveis emocionalmente para enfrentar a situação.

Em relação à história materna de abuso sexual, quatro mães relataram ter sido abusadas sexualmente na infância por uma pessoa próxima, na maioria das vezes o pai ou o padrasto. Destas, três foram vítimas da mesma pessoa que abusou de suas filhas. Duas mães afirmaram que mais de uma pessoa abusou delas. Quando questionadas sobre a revelação de seus abusos, observou-se o precário ou nenhum apoio recebido por parte de suas mães ou familiares. Em relação às experiências na família de origem, observou-se que a infância destas quatro mulheres foi marcada por conflitos familiares, expressos pelas discussões conjugais, envolvendo agressões físicas e verbais, pela presença do alcoolismo dos pais e/ou padrastos, pela falta de carinho, apoio e de interações afetivas com a figura materna e pelo uso de ações coercitivas por parte dos pais na regulação do comportamento das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência intrafamiliar cruzou a vida destas mulheres entrevistadas, que estiveram tanto na situação de vítima como de testemunha de abuso sexual. As reações maternas envolvem uma complexidade de fatores. Durante a infância, estas mulheres foram vítimas de violência emocional, física e sexual, e testemunhas dos conflitos e agressões entre seus pais, denotando a vulnerabilidade destas famílias. Estas experiências foram e estão sendo revividas por estas participantes, ao tomarem conhecimento do abuso de suas próprias filhas, tornando-se novamente testemunhas da violência, e evidenciando o fenômeno da multigeracionalidade. Pode-se observar, em todos os casos, dificuldades destas mães para lidarem com a situação familiar atual e para tomarem iniciativas, seja no sentido de afastar o abusador ou de realizar denúncia. Estas dificuldades estão relacionadas também aos sintomas apresentados por estas participantes e revelam o sofrimento psicológico vivenciado.

Nas histórias das mães que também foram vítimas de abuso sexual na infância, além do abuso sexual, uma outra violência ficou evidente: a do abandono emocional. As participantes relataram a precária disponibilidade afetiva de suas mães em promover suporte emocional nas situações estressoras vivenciadas. No entanto, pode-se observar a tentativa de romper com esse ciclo, na medida em que as participantes buscaram, no momento atual, alguma forma de ajuda e suporte para o enfrentamento da situação, frente a qual antes se sentiam impotentes. Mesmo assim, esse processo é difícil e requer ajuda especializada.

Para auxiliar efetivamente estas famílias, na busca de uma melhor qualidade de vida, são fundamentais ações de intervenção da rede de apoio social e da rede de serviços direcionados a esta população. Além de pesquisas que gerem um maior conhecimento sobre esta realidade, são necessários projetos de intervenção que possam prevenir e romper com a manutenção deste ciclo intergeracional de violência.

BIBLIOGRAFÍA

- CAMINHA, R.M. (2000). A violência e seus danos à criança e ao adolescente. In AMENCAR (Ed.), *Violência Doméstica* (pp. 32-42). Brasília: UNICEF.
- COHEN, J.A. & MANNARINO, A.P. (2000). Predictors of treatment outcome in sexually abused children. *Child Abuse & Neglect*, 24(7), 983-994.
- FORWARD, S. & BUCK, C. (1989). *A traição da inocência: O incesto e sua devastação*. Rio de Janeiro: Rocco.
- FURNISS, T. (2002). Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar: manejo, terapia e intervenção legal integrados. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GARBARINO, J.; KOSTELNY, K. & DUBROW, N. (1991). What children can tell us about living in danger? *American Psychologist*, 46(4), 376-383.
- HIEBERT-MURPHY, D. (1998). Emotional distress among mothers whose children have been sexually abused: The role of a history of child sexual abuse, social support, and coping. *Child Abuse & Neglect*, 22(5), 423-435.
- LEIFER, M.; KILBANE, T. & GROSSMAN, G. (2001). A three-generational study comparing the families of supportive and unsupportive mothers of sexually abused children. *Child Maltreatment*, 6(4), 353-364.
- NARVAZ, M.G. & KOLLER, S.H. (2004). Famílias, gênero e violências: Desvelando as tramas da transmissão transgeracional da violência de gênero. In Strey, M. N., Azambuja, M. P. R. & Jaeger, F. P. (Eds.), *Violência, gênero e políticas públicas* (pp.149-176). Porto Alegre: Editora da PUCRS.
- NARVAZ, M.G. & KOLLER, S.H. (2006). A família que não é sagrada: Mitos e fatos sobre abuso sexual na família. In: Portela, F. & Franceschini, I. (Eds.), *Família e aprendizagem: Uma relação necessária* (pp. 59-80). Rio de Janeiro: Wak.